

CEDI

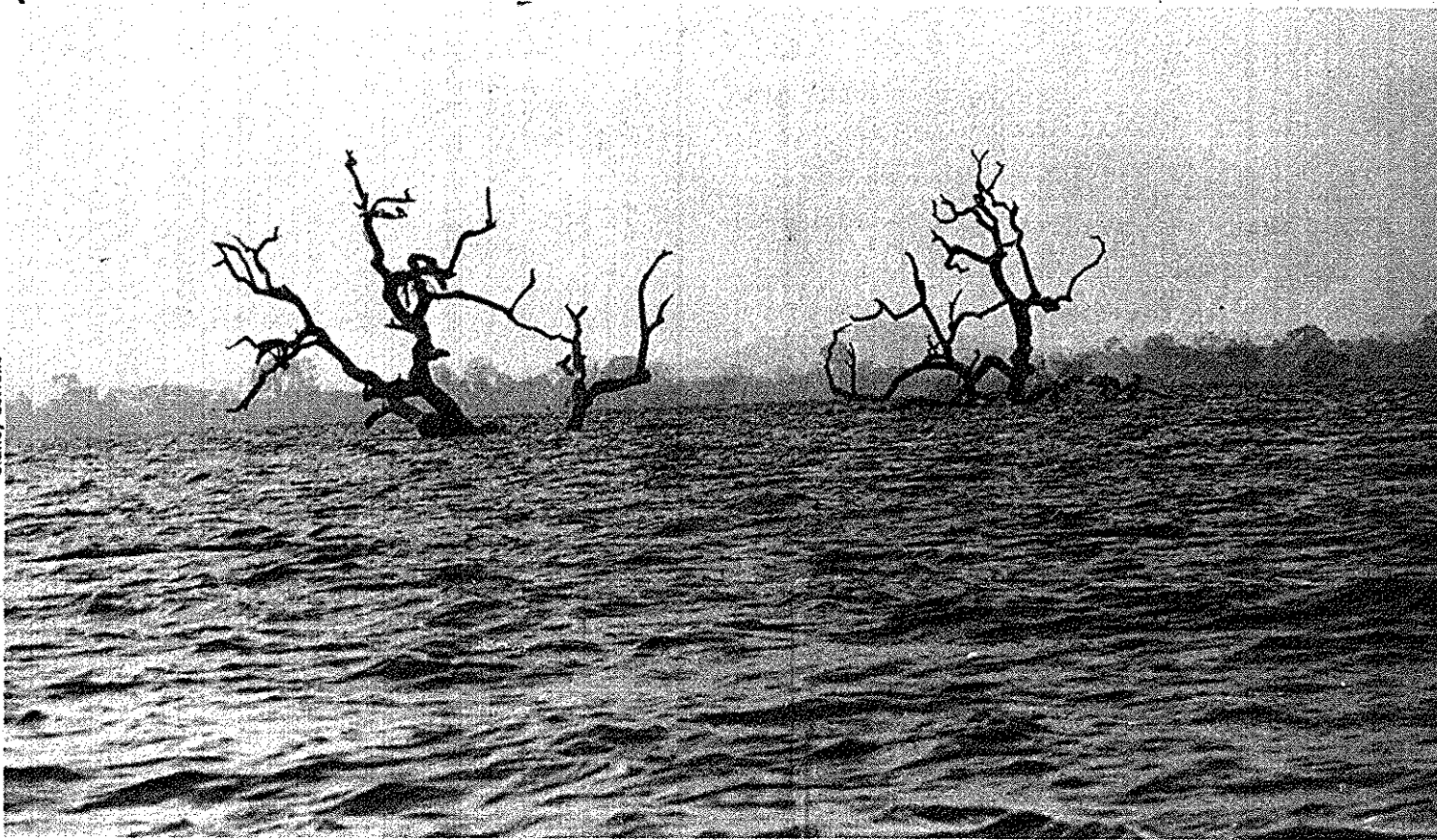
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Sade

Class.: Energia / UHE

Data: 10 de Setembro de 1988

Pg.: 11



Na represa de Tucuruí, desperdício de madeira e morte de animais da Amazônia.

Novas hidrelétricas, velhos erros.

Até o final do ano o Banco Mundial deverá liberar 650 milhões de dólares para o setor energético brasileiro, suspendendo o bloqueio de empréstimos para a área que impôs há dois anos por pressão de entidades internacionais de proteção ao meio ambiente, preocupadas com o impacto da construção de hidrelétricas, principalmente na Amazônia. A informação é do diretor do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAA), Getúlio Lamar-tine.

O quadro que levou o Bird a suspender os financiamentos, no entanto, é confirmado até hoje por especialistas brasileiros ligados ao meio ambiente e à proteção dos índios: o antropólogo Mauro Leonel, da PUC de São Paulo e assessor do Bird, preparou um documento depois de analisar o impacto das hidrelétricas junto às comunidades indígenas em vários pontos do País, recomendando que "se não houver uma correção dos mecanismos adotados de proteção a essas comunidades, aumentar a capacidade financeira do setor elétrico no momento significará um grave prejuízo aos índios".

A presidente da Fundação Pró-Natura, Maria Tereza Pádua, mesmo defendendo a utilização de hidrelétricas como melhor opção para suprir o consumo de energia no País, afirma que nos últimos anos "foram cometidos erros gravíssimos". Para ela, a hidrelétrica de Balbina, construída no estado do Amazonas, "é o que existe de pior em termos de grandes obras no País, tanto no aspecto econômico como no de impacto ambiental".

O antropólogo Mauro Leonel, no relatório que encaminhou ao Bird, reforça essa posição, lembrando que enquanto Itaipu inundou uma área de 1.350 quilômetros quadrados para produzir 12 mil megawatts

e a hidrelétrica de Tucuruí, para Pará, 2.160 quilômetros quadrados para produzir oito mil megawatts, Balbina vai alagar uma área bem mais extensa, de quatro mil quilômetros quadrados, para produzir apenas 240 megawatts, energia insuficiente para suprir as necessidades de Manaus. Inicialmente orçada em 500 milhões de dólares, a obra já envolveu a aplicação de 1,2 bilhão de dólares e poderá ficar ainda mais cara se a Eletronorte conseguir a aprovação de mais 700 milhões de dólares.

Superficialidade

Os técnicos da área ambiental são unânimes em criticar a Eletronorte pela superficialidade dos estudos realizados na área onde a usina foi construída. Além de haver cavernas na região inundada que consomem parte da área represada, a região é muito plana, fazendo com que, em alguns pontos, a profundidade do lago chegue a pouco mais de um metro e meio.

O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina, que desde 1978 estuda o impacto das hidrelétricas no meio ambiente, em especial junto às comunidades indígenas, afirma que as obras até agora realizadas "foram um desastre total" para o meio ambiente. Ele anuncia que o modelo energético do País "está submetido ao interesse urbano-industrial, além dos interesses externos, em detrimento das populações rurais e urbanas marginalizadas e das minorias étnicas". Mesmo participando hoje do Comitê do Meio Ambiente, criado pela Eletronorte para cumprir as exigências apresentadas pelo Banco Mundial como condição para voltar a financiar o setor, o professor defende uma ampla discussão da política energética no Congresso Nacional e junto à sociedade.

Projeto 2010

A suspensão dos recursos do Bird atingiu diretamente o Programa Nacional de Energia Elétrica 1987/2010, conhecido como "Projeto 2010", que prevê a recuperação do setor com a construção e expansão de 294 hidrelétricas em todo o País, sendo 41 na região amazônica, onde será inundada uma área de nove milhões de hectares.

O projeto terá forte impacto na Amazônia legal onde, só na região dos rios Araguaia e Tocantins estão programadas 20 hidrelétricas, de acordo com a última versão do projeto. Das usinas planejadas para o País, 68 vão atingir diretamente comunidades indígenas. Só na região do Rio Tibagi, no Paraná, três hidrelétricas serão construídas na área dos kaingang, em Mangelrinha.

O projeto 2010 prevê a implantação de seis sistemas regionais que vão possibilitar a interligação das linhas de transmissão Norte com as regiões Sudeste e Nordeste. A própria Eletronorte admite que "existem problemas especiais do ponto de vista técnico e de impacto sobre o meio ambiente", mas sustenta que eles "não inviabilizam o aproveitamento das bacias incluídas no programa".

Esta não é a opinião de alguns especialistas, como o professor da Universidade do Mato Grosso, José Domingues Godói Filho, estudioso do impacto das hidrelétricas que defende uma reavaliação do plano. No caso específico da Amazônia, ele diz que o aproveitamento das principais bacias da região faz parte da "síndrome de integração da Amazônia" ao Centro-Sul, critica os gastos do governo com os programas energéticos, incluindo o nuclear, e afirma que pelo menos 25 bilhões de dólares da dívida externa brasileira foram aplicados no setor.

Elliane Lucena

Sugestões para salvar os animais da água

A falta de estudos sobre a fauna e flora das áreas que serão inundadas pelos reservatórios na Amazônia preocupa a presidente da Fundação Pró-Natura, Maria Tereza Pádua. "Existem animais que são endêmicos — só existem em determinadas áreas — e acabam desaparecendo. Durante o enchimento de Balbina descobriu-se um ninhal de uma espécie rara de garça, a agamia, que acabou destruído. Ela não acredita em programas de resgate de animais das áreas que serão inundadas, "é pura falácia. Podemos, sim, resgatar animais para fins científicos mas a sobrevivência das espécies não está garantida com a transferência para outra habitat".

A Fundação Pró-Natura defende algumas diretrizes para diminuir o impacto ambiental das hidrelétricas. A principal: para cada hidrelétrica concluída deve ser criada uma área de preservação ambiental junto à barragem com a mesma dimensão do reservatório. "A hidrelétrica de Samuel, em Rondônia", afirma, "já está seguindo, em parte, esta orientação. A Eletronorte comprou 21 mil hectares para a criação da reserva".

Lembrando que o rio Amazonas contribui com 15 a 20% de toda a água doce que chega aos oceanos, Maria Tereza defende a proteção das bacias hidrográficas. "Qualquer projeto deveria excluir a construção de barragens em pelo menos 50% dos afluentes", afirma.

Espoliação

O professor da Universidade do Mato Grosso, José Domingues de Godói Filho, geólogo, afirma que o "Projeto 2010" — programação de hidrelétricas entre 1987 e 2010 — representa "a espoliação dos recursos naturais do País". Segundo ele, mesmo com o Rima (Relatório de Impacto Ambiental), que passou a ser exigido das obras pelo Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) a partir de fevereiro de 86, o problema parece estar longe de uma solução.

"Na audiência pública realizada em Cuiabá para a discussão da barragem de Manso, que será construída a 140 quilômetros de Cuiabá", denuncia, "a Eletronorte montou uma farsa para defender um Rima que apresenta uma série de erros na sua

elaboração". Domingues Godói diz que em outra reunião, realizada recentemente em Belém, onde se discutiu o impacto das hidrelétricas na Amazônia, a Eletronorte fez um mea culpa, reconhecendo erros na construção das barragens de Tucuruí e de Balbina.

"O discurso é um, mas na prática a empresa vai cometer os mesmos erros na construção da hidrelétrica de Manso", prevê o professor. Para ele, a discussão sobre o impacto das hidrelétricas não deve se restringir apenas ao projeto energético, mas aos interesses econômicos que envolvem a sua construção, e que vão reforçar este impacto. Domingues Godói defende ainda uma nova discussão do "Projeto 2010" com especialistas da região Amazônica.

O professor critica a projeção feita pela Eletronorte ao elaborar o "Projeto 2010", prevendo o aumento de 20% ao ano do consumo de energia elétrica no País. "A demanda não pode ser calculada até 2010", diz. Na França, por exemplo, enquanto o PIB nos últimos anos cresceu 30%, a demanda energética ficou praticamente estável.

E.L.